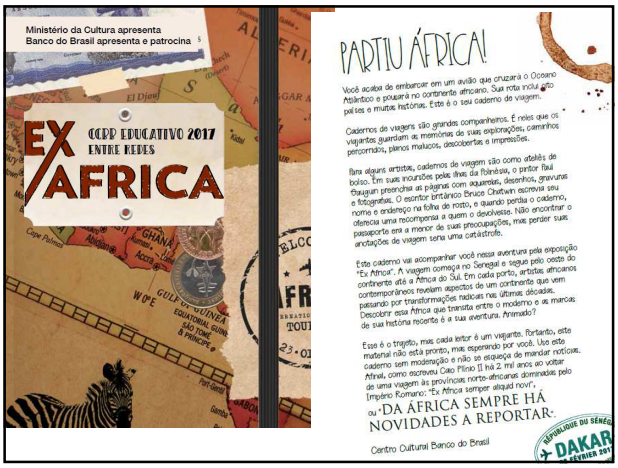
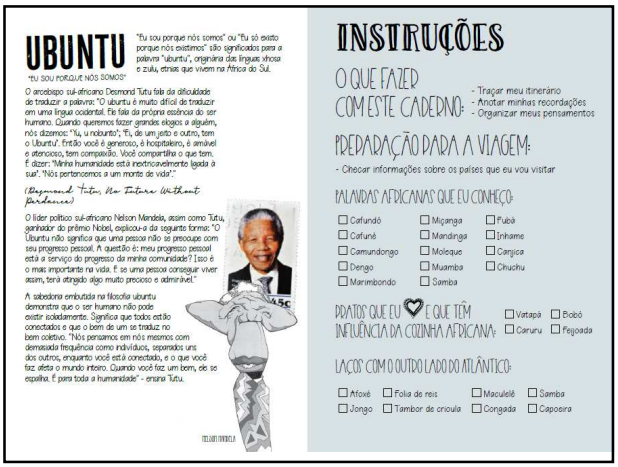
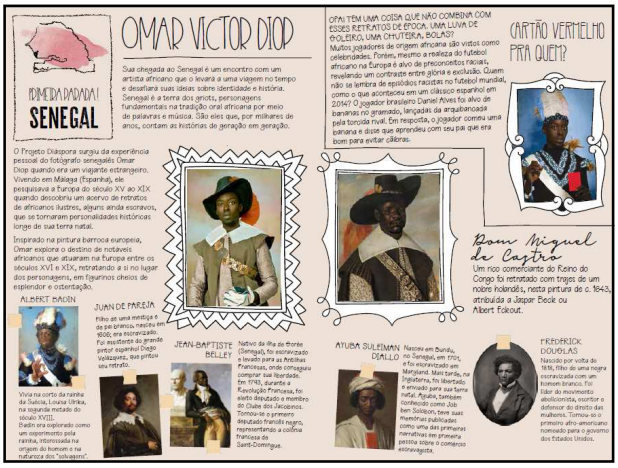
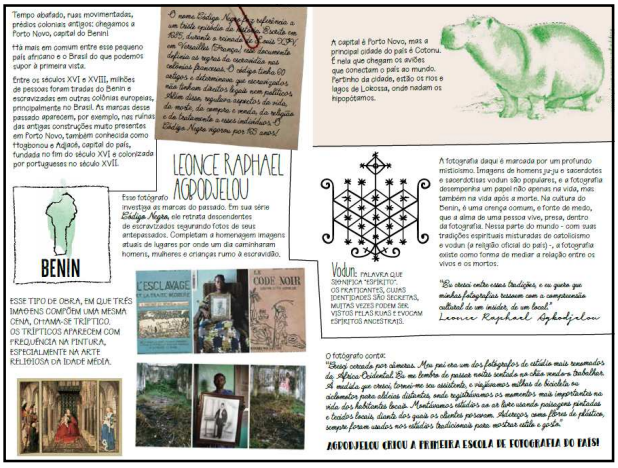

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina
EX AFRICA
CORP EDUCATIVO 2017
ENTRE REDES
PARTIU ÁFRICA!
Você acaba de embarcar em um avião que cruzará o Oceano Atlântico e pousará no continente africano. Sua rota inclui 6 países e muitas histórias. Este é o seu caderno de viagem.
Cadernos de viagens são grandes companheiros. É neles que os viajantes guardam as memórias das suas explorações, caminhos percorridos, planos malucos, descobertas e impressões.
Para alguns artistas, cadernos de viagem são como ateliês de bolso. Em suas incursões pelas ilhas da Polinésia, o pintor Paul Gauguin preenchia as páginas com aquarelas, desenhos, gravuras e fotografias. O escritor britânico Bruce Chatwin escrevia seu nome e endereço na folha de rosto, e quando perdia o caderno, ofereciam uma recompensa a quem o devolvesse. Não encontrar o passaporte era a menor de suas preocupações, mas perder suas anotações de viagem seria uma catástrofe.
Este caderno vai acompanhar você nessa aventura pela exposição "Ex Africa". A viagem começa no Senegal e segue pelo oeste do continente até a África do Sul. Em cada porto, artistas africanos contemporâneos revelam aspectos de um continente que vem passando por transformações radicais nas últimas décadas. Descobrir essa África que transita entre o moderno e as marcas de sua história recente é a sua aventura. Animado?
Esse é o trajeto, mas cada leitor é um viajante. Portanto, este material não está pronto, mas esperando por você. Use este caderno sem moderação e não se esqueça de mandar notícias.
Atival, como escreveu Caio Plínio II há 2 mil anos ao voltar de uma viagem às províncias norte-africanas dominadas pelo Império Romano: "Ex Africa semper aliquid novi".
ou "DA ÁFRICA SEMPRE HÁ NOVIDADES A REPORTAR".
Centro Cultural Banco do Brasil
DAKAR


UBUNTU
"EU SOU PORQUE NÓS SOMOS"
"Eu sou porque nós somos" ou "Eu só existo porque nós existimos" são significados para a palavra "ubuntu", originária das línguas xhosa e zulu, etnias que vivem na África do Sul.
O arcebispo sul-africano Desmond Tutu fala da dificuldade de traduzir a palavra: "O ubuntu é muito difícil de traduzir em uma língua ocidental. Ela fala da própria essência do ser humano. Quando queremos fazer grandes elogios a alguém, nós dizemos: "Ni, u ncbuntu", "Fi, de um jeito e outro, tem o Ubuntu". Então você é generoso, é hospitaleiro, é amável e atencioso, tem compaixão. Você compartilha o que tem. É dizer: "Minha humanidade está inextricavelmente ligada à sua". Nós pertencemos a um monte de vida".
(Reymond Tutu, No Future Without Forgiveness)
O líder político sul-africano Nelson Mandela, assim como Tutu, ganhador do prêmio Nobel, explicou-a da seguinte forma: "O Ubuntu não significa que uma pessoa não se preocupe com seu progresso pessoal. A questão é: meu progresso pessoal está a serviço do progresso da minha comunidade? Isso é o mais importante na vida. E se uma pessoa conseguir viver assim, terá atingido algo muito precioso e admirável."
A sabedoria embutida na filosofia ubuntu demonstra que o ser humano não pode existir solidariamente. Significa que todos estão conectados e que o bem de um se traduz no bem coletivo. "Nós pensamos em nós mesmos com demasiada frequência como indivíduos, separados uns dos outros, enquanto você está conectado, e o que você faz afeta o mundo inteiro. Quando você faz um bem, ele se espelha. É para toda a humanidade" - ensina Tutu.
INSTRUÇÕES
O QUE FAZER COM ESTE CADERNO:
- Traçar meu itinerário
- Anotar minhas recordações
- Organizar meus pensamentos
PREPARAÇÃO PARA A VIAGEM:
- Checar informações sobre os países que eu vou visitar
PALAVRAS AFRICANAS QUE EU CONHEÇO:
Cafundó
Cafuné
Camundongo
Dengo
Marimbondo
Miçanga
Mandinga
Moleque
Muamba
Samba
Fubá
Inhame
Cangica
Chuchu
PRATOS QUE EU ♡ E QUE TÊM INFLUÊNCIA DA COZINHA AFRICANA:
Vatapá
Caruru
Bobó
Feijoada
LAÇOS COM O OUTRO LADO DO ATLÂNTICO:
Afoxé
Jongo
Folia de reis
Tambor de crioula
Maculelê
Congada
Samba
Capoeira


PRIMEIRA PARADA!
SENEGAL
OMAR VICTOR DIOP
Sua chegada ao Senegal é um encontro com um artista africano que o levará a uma viagem no tempo e desafiará suas ideias sobre identidade e história. Senegal é a terra dos griots, personagens fundamentais na tradição oral africana por meio de palavras e música. São eles que, por milhares de anos, contam as histórias de geração em geração.
O Projeto Diáspora surgiu da experiência pessoal do fotógrafo senegalês Omar Diop quando era um viajante estrangeiro. Vivendo em Málaga (Espanha), ele pesquisava a Europa do século XV ao XIX quando descobriu um acervo de retratos de africanos ilustres, alguns ainda escravos, que se tornaram personalidades históricas longe de sua terra natal.
Inspirado na pintura barroca europeia, Omar explora o destino de notáveis africanos que atuaram na Europa entre os séculos XVI e XIX, retratando a si no lugar dos personagens, em figurinos cheios de esplendor e ostentação.
OPA! TEM UMA COISA QUE NÃO COMBINA COM ESSES RETRATOS DE ÉPOCA. UMA LUVA DE BOLEIRO, UMA CHUTEIRA, BOLAS?
Muitos jogadores de origem africana são vistos como celebridades. Porém, mesmo a realeza do futebol africano na Europa é alvo de preconceitos raciais, revelando um contraste entre glória e exclusão. Quem não se lembra de episódios racistas no futebol mundial, como o que aconteceu em um clássico espanhol em 2014? O jogador brasileiro Daniel Alves foi alvo de bananas no gramado, lançadas da arquibancada pela torcida rival. Em resposta, o jogador comeu uma banana e disse que aprendeu com seu pai que era bom para evitar câibras.
CARTÃO VERMELHO PRA QUEM?
Dom Miguel de Castro
Um rico comerciante do Reino do Congo foi retratado com trajes de um nobre holandês, nesta pintura de c. 1643, atribuída a Jaspar Beck ou Albert Eckout.
ALBERT EKIEN
Filho de uma mestiça e de pai branco, nascido em 1800, era escravizado. Foi residente do grande pintor espanhol Diego Velázquez, que pintou seu retrato.
Viveu na corte da rainha da Suécia, Louisa Ulrica, na segunda metade do século XVIII. Ekeén era explorado como um experimento pela rainha, interessada na origem do homem e na natureza dos "selvagens".
JUAN DE PAREJA
JEAN-BAPTISTE BELLEY
Nativo da ilha de Gorée (Senegal), foi escravizado e levado para as Antilhas Francesas, onde conseguiu comprar sua liberdade. Em 1793, durante a Revolução Francesa, foi eleito deputado e membro do Clube dos Jacobinos. Tornou-se o primeiro deputado francês negro, representando a colônia francesa de Saint-Domingue.
AYUBA SULEIMAN DIALLO
Nasceu em Bundu, no Senegal, em 1701, e foi escravizado em Maryland. Mais tarde, na Inglaterra, foi libertado e enviado para sua terra natal. Ayuba também conhecido como Job ben Solomon, teve suas memórias publicadas como uma das primeiras narrativas em primeira pessoa sobre o comércio escravagista.
FREDERICK DOUGLAS
Nascido por volta de 1818, filho de uma negra escravizada com um homem branco. Foi líder do movimento abolicionista, escritor e defensor do direito das mulheres. Tornou-se o primeiro afro-americano nomeado para o governo dos Estados Unidos.

GANA
Conta a lenda que o primeiro tecelão teria aprendido a arte da tecelagem observando uma aranha fazer sua teia. O Kente é um tecido tradicional dos povos Ashanti, que formaram um dos maiores impérios do continente africano. Por muitos séculos, os reis e chefes tribais da África Ocidental controlavam a terra rica em minérios que os exploradores europeus chamavam de Costa do Ouro. Adornados com pesadas joias de ouro e trajados com tecido de tramas exclusivas, os reis e seus chefes exibiam sua opulência, seu poder e sua autoridade diante dos súditos.
A palavra "kente" talvez tenha origem nos desenhos do tecido que lembram as tramas de uma cesta. No século XVI, os comerciantes europeus levaram para a Costa do Ouro tecidos bordados com fios diferentes dos que eram fabricados em teares africanos. Os chefes ashantis adquiriram estes raros tecidos que foram, então, pacientemente desfeitos. Os pesquisadores, com suas cores chamativas, foram mesclados aos tecidos locais e passaram, assim, a fazer parte das vestes dos soberanos.
Kente
Havia um tempo em que na Terra não havia histórias para se contar, pois Deus pertencia a Nyame, o Deus do Céu. Anansi, o Homem Aranha, queria as histórias para o povo de sua aldeia, então teceu uma imensa teia de prata, que ia da aldeia até o céu, e por ela subiu. Mas o preço a ser pago pela teia de histórias era alto. Anansi teve que trazer Onini, a Jiboia de dentes terríveis, Mmboro, os mosquitos que picam como fogo, e Mmoatia, a fada que nenhum homem vê. Valeria a pena se arriscar tanto? O pequeno Anansi sabia que sim. E, para seus seus, ele foi bem-sucedido em sua empreitada e trouxe de volta trazendo consigo a teia das histórias até o povo de sua aldeia. Quando abria a teia, as histórias - que passaram a ser chamadas de histórias do Homem Aranha - se espalhavam pelos quatro cantos do mundo e são contadas até hoje!
IBRAHIM MAHAMA
"PARAÍSO PERDIDO NÃO ORIENTAVEL"
é uma grande montanha de caixas de engravatate feitas de madeira. Em Gana, caixas de madeira não são jogadas fora; por isso Ibrahim não recolheu caixas na rua, elas foram feitas com material retirado de uma antiga estação de trem desativada, construída pelos ingleses no início do século XX. Cada colaborador estilizou sua caixa, dando origem a essa imensa parede de caixotes precariamente equilibrada, onde tudo foi reaproveitado.
"Art of Points" lembra uma colcha gigante de patchwork, que pode chegar a medidas como 300 metros de comprimento e 3.000 kg, dependendo de onde é montada. Nesta instalação, o artista Ibrahim Mahama costura sacos de juta que são fabricados na Ásia e importados para Gana, usados no transporte de grãos de cacau. Esses sacos são reutilizados no dia a dia dos ganeses para o transporte de carvão, de alimentos e nos afazeres da casa e do trabalho. Ibrahim trata de temas como as migrações, a globalização e as trocas econômicas. As manchas, marcas e vestígios de nomes e localizações dos comerciantes impressos nos sacos são incorporados à obra.
As instalações de Ibrahim utilizam materiais reunidos em ambientes urbanos. O ARTISTA É UM GARIMPEIRO, QUE GOSTA DE ANDAR PELA CIDADE EM BUSCA DO QUE É DESCARTADO.
Na Brasil, essa montanha é feita de engradados de madeira usados no transporte de frutas.


Tempo abafado, ruas movimentadas, prédios coloniais antigos: chegamos a Porto Novo, capital do Benin!
Há mais em comum entre esse pequeno país africano e o Brasil do que podemos supor à primeira vista.
Entre os séculos XVI e XVIII, milhões de pessoas foram tiradas do Benin e escravizadas em outras colônias europeias, principalmente no Brasil. As marcas desse passado aparecem, por exemplo, nas ruínas das antigas construções muito presentes em Porto Novo, também conhecida como Hogbonou e Adjaché, capital do país, fundada no fim do século XVII e colonizada por portugueses no século XVII.
O nome Ediga Negra faz referência a um título usado no Reino Dahomey (Benin) entre 1818 e 1894, durante o reinado de Ghezo (1818-1858). Ediga Negra foi documento defesas as regras da escravidão nas colônias francesas. O Ediga tinha 69 artigos e determinava que escravizados não tinham direitos legais nem políticos. Além disso, regulava aspectos da vida, da morte, do trabalho e do casamento e nasceu inicialmente o Ediga Negra regeu por 45 anos!
A capital é Porto Novo, mas a principal cidade do país é Cotonu. É nela que chegam os aviões que conectam o país ao mundo. Perto da cidade, estão os rios e lagos de Lokossa, onde nadam os hipopótamos.
BENIN
LEONCE RAPHAEL AGBODJELOU
Esse fotógrafo investiga as marcas do passado. Em sua série Ediga Negra, ele retrata descendentes de escravizados segurando fotos de seus antepassados. Compõem a homenagem imagens atuais de lugares por onde um dia caminharam homens, mulheres e crianças rumo à escravidão.
ESSE TIPO DE OBRA, EM QUE TRÊS IMAGENS COMPÕEM UMA MESMA CENA, CHAMA-SE TRÍPTICO. OS TRÍPTICOS APARECEM COM FREQUÊNCIA NA PINTURA, ESPECIALMENTE NA ARTE RELIGIOSA DA IDADE MÉDIA.
A fotografia daqui é marcada por um profundo misticismo. Imagens de homens ju-ju e sacerdotes vodun e feiticeiras vodun são populares, e a fotografia desempenha um papel não apenas na vida, mas também na vida após a morte. Na cultura do Benin, é uma crença comum, e fonte de medo, que a alma de uma pessoa vive, presa, dentro da fotografia. Nessa parte do mundo - com suas tradições espirituais misturadas do catolicismo e vodun (a religião oficial do país) -, a fotografia existe como forma de mediar a relação entre os vivos e os mortos.
Vodun: PALAVRA QUE SIGNIFICA "ESPÍRITO". OS PRATICANTES, CUJAS IDENTIDADES SÃO SECRETAS, MUITAS VEZES PODEM SER VISTOS PELAS RUAS E EVOCAM ESPÍRITOS ANCESTRAIS.
"Eu acredito entre essas tradições e ou quero que minhas fotografias transmitam com a complexidade cultural de um indivíduo, de um local."
Leonce Raphael Agbodjelou
O fotógrafo conta:
"Brasil cresceu por almeiras. Meu pai era um dos fotógrafos de cidade mais renomados da Africa Ocidental. Eu, no tempo de passar muito cansado na cidade onde a Embaixada. A medida que crescia, tomei-me seu assistente, e registávamos os momentos mais importantes na vida dos habitantes locais. Mantínamos cadastro em um livro cheiro passagens pontuais e também locais, cada dia que os clientes pensavam. Antigamente, como fibras de plástico, sempre foram usados nos estúdios tradicionais para montar cenário e ajudar."
AGBODJELOU CRIOU A PRIMEIRA ESCOLA DE FOTOGRAFIA DO PAÍS!

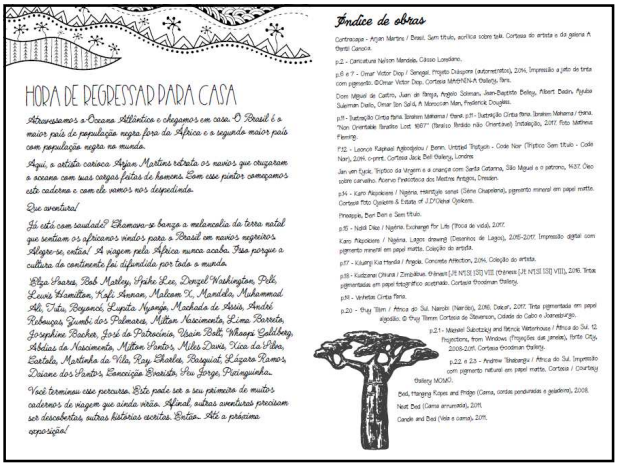
Não é necessário ir a museus em busca de arte. Apenas observe os cabelos das pessoas nas ruas - eles são como esculturas!
Cabelo que parece a torre de um castelo. Desafia a gravidade!
Djéhéro deem nome aos estilos de penteados. Ele divide a cauda cabelud em quadradinhos, o que faz a cabeça lembrar uma casca de abacaxi.
O nome desse penteado vem "Pineapple" - ou abacaxi em inglês.
VOCÊ CHEGOU A LAGOS, CAPITAL DA NIGÉRIA.
Além de ser a maior cidade do país, Lagos é uma das mais populosas do mundo. Sua população dobrou desde o ano 2000, somando hoje mais de 20 milhões de habitantes.
E POR FALAR EM FEMININO...
KADO AKPOVIEVE nasceu em Lagos, em 1985, e viveu intensamente a cultura pop da movimentada cidade. Em sua arte, aparecem elementos do dia a dia da maior megalópole africana, com referência a religião, política, migração e explosão demográfica, tudo junto e misturado, bem no estilo de Lagos.
"Eu vou aguenta, para o seu destino."
J.D. OKHAI OJEIKERE
O fotógrafo nasceu em uma pequena vila rural nigeriana. Aos 19 anos, trocou dois livros por sua primeira máquina fotográfica, que usava para dicar as mulheres de seu vilarejo se embelezando para a missa de domingo. Não demorou até que os penteados, considerados obras de arte, virassem sua paixão. Ojeikere percorreu o país de bicicleta atrás de esculturas de cabelos nas ruas, em festas de casamento e ambientes de trabalho.
Nascia aí a série de fotos Hair Styles, sua mais conhecida obra, que inclui mil penteados diferentes fotografados ao longo de 40 anos!
Cabelos têm muita importância na história africana. Penteados sempre foram usados para indicar origem, posição social ou o religião dos pessoas.
Nos tempos coloniais, muitos usaram perucas ou tiveram os cabelos alisados. Os penteados voltaram com força com a independência dos países africanos, na década de 1960. Nesse tempo, na Nigéria, um dos penteados tornou-se símbolo de liberdade e reforço.
NDIDI DIKE está decidida a manter viva a memória da época que levou à captura, e escravidão, de 12,5 milhões de africanos. Dike conta uma história de dor que seus antepassados viveram e que, para ela, não deve ser esquecida.
"Costumo deixar os materiais no meu estúdio por um tempo e, gradualmente, uma ideia se forma na minha cabeça, e eu começo a tentar as coisas. É o material que me fala primeiro. Eu me apropria dos materiais de uma maneira que evita replicar sua função original, mas não anula totalmente a história deles. Espero que permita ao observador encontrar as referências políticas nas minhas obras, sem que estas sejam verbalizadas ou expressas explicitamente."
TERCEIRA PARADA
NIGÉRIA
"Moisés parte o Mar Vermelho."

ANGOLA
KILUANJI KIA HENDA
Chegamos a Luanda, capital de Angola. A cidade está cheia de gente, movimentada. Agora, já imagino se ela estivesse totalmente deserta?
No ano de 1975, portugueses começaram a deixar Angola em massa quando o país se tornou independente, dando lugar a milhares de angolanos que viviam afastados, nas zonas rurais, mas que se viram forçados a mudar para a capital. Foi esse fluxo de gente, de partidas e chegadas, que instigou o artista Kluanji Kia Henda, nascido em Angola em 1974.
Para representar esse momento histórico, Kia Henda traz em vídeo a cidade deserta de pessoas na noite anterior à independência, quando os colonizadores portugueses começaram a deixar o país.
No vídeo, passam-se 24 horas, e é tempo de decisão: ficar ou partir? O narrador explica: "Todos os pertences da população estão sendo embalados. As casas estão vazias, e as caixas se enchem de móveis e buggangas. A cidade está sendo despojada de sua memória. Tudo o que resta é o esqueletto, o ponto zero da história."
Em Angola se fala português. Então ficou fácil, né? Mas, peraí, você desce do avião, e aí vem dizendo coisas estranhas, como "VINDOS LAUREAR O QUEIJO"
Esse português aí não é dos nossos, não...
Latinha de expressões em português de Angola
LU ANGOLA: Vamos laurear o queijo?
NO BRASIL: Vamos passear?
LU ANGOLA: chuinga
NO BRASIL: chuleta
LU ANGOLA: Meu avô apagou o magarico.
NO BRASIL: Meu avô bateu as botas.
LU ANGOLA: Nossa, o cangalho da vizinha faz muito barulho!
NO BRASIL: Nossa, o carro velho da vizinha faz muito barulho!
IMAGINE-SE DENTRO DESTA CENA.
Onde você está - dentro de um desses prédios ou na rua?
Qual seria a hora do dia?
A que do dia o dia pareceria diferente?
Kia Henda usou muito pouco o texto "Divulgueiro penetrável" o que você pensa disso?
Anote aqui um texto que você escreveria para esta foto.
"ANTES DO INÍCIO E DEPOIS DO FINAL."
Que tempo é isso?
Escreva 3 adjetivos para esta imagem.
E AGORA, ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA CENA?
"I hear wing the memories / Em afrodite na lembrança."
"Este continente é demasiadamente grande para ser descrito. É um verdadeiro oceano, um planeta à parte, tido um cosmos heterogêneo e de uma riqueza extraordinária."
O trabalho é inspirado no primeiro capítulo do livro do jornalista e escritor polonês Ryszard Kapuscinski, "Outro Dia da Vida - Angola 1975". Kapuscinski percorreu, durante 40 anos, o continente africano. O jornalista presenciou a independência da colonização europeia, as rivalidades entre as tribos e a ascensão de ditadores.
Mas, principalmente, contou da África da gente comum, como os vendedores ambulantes, dos afazeres das mulheres, das agruras dos transportes, dos costumes tribais...

ZIMBÁBUE
KUDZANAI CHIURAI
Bem-vindo ao Zimbábue, terra de belezas naturais. Reserve um tempo na agenda para visitar as famosas Cataratas Victória. Mas, antes, permita-se um breve desvio para uma viagem entre passado e futuro com Kudzanai Chiurai.
Em sua série Gênesis, o artista zimbabuano mistura referências e personagens. Você consegue identificar essa mistura? Aqui vemos as figuras do colonizador e do colonizado. Mas será que podemos dizer exatamente quem é quem nessas imagens? A partir de que olhar essa história está sendo contada?
Estamos acostumados a ler e a aprender versões únicas, como se só tivéssemos ouvidos para um lado da história. For exemplo, já pensou em como seria aprender sobre a formação do Brasil a partir de uma versão contada por índios? Nós só conhecemos a versão dos portugueses. E isso que propõe Chiurai ao reviver o passado dando outros papéis aos personagens.
Gênesis, do grego, significa origem, nascimento, criação. Literalmente, o começo de tudo. É o nome do primeiro livro da Bíblia. Mas onde está o começo de tudo para os povos nativos africanos? Quando chegavam escravizados ao Brasil, os negros eram obrigados a abandonar suas religiões africanas e ser batizados com nomes católicos. Da opressão, nasceram religiões que misturam elementos de diferentes cultos e doutrinas, como o candomblé, a umbanda, os cultos aos Egungus ou a Ijã, o Omolokô, a Quimbanda, o Tambor de mina ou o Tereçô etc.
Missionários fizeram incursões no continente africano com o objetivo de converter nativos ao cristianismo. O escocês David Livingstone - esse nome que aparece retratado na fotografia é um deles.
Ele foi o primeiro europeu a chegar às gigantescas quedas d'água do Mosi-oa-Tunya, que significa fumaça que troveja, como os habitantes a chamavam em referência a seu intenso barulho e a névoa permanente formada pela queda. Fascinado, resolveu homenagear sua rainha e batizou-a de Victoria Falls (Cataratas Victoria) .
Para nunir bandas de marimba, espécie de xilofone de madeira.
Para comer: sadza (espécie de mingau de milho) e nhama (carne)
Para visitar Cataratas Victória
Repare agora nesta cena. O missionário está cara a cara com uma mulher vestida com roupas tribais que, ao contrário do que se poderia esperar, não olha para baixo em postura de respeito ou medo, mas encara o estranho. Outra mulher, vestida de sabbiá, também enfrenta a situação de cabeça erguida.
PRESTE ATENÇÃO NOS DETALHES DOS FIGURINOS. O QUE ELES PARECEM DIZER?
Chiurai brinca com a ideia de voltar ao passado para reescrevê-lo e propor um novo presente. Essa viagem no tempo está presente nos detalhes da fotografia. Você consegue identificá-los?
Dica: ROUPAS, SAPATOS, MÓVEIS, COLUNAS, PAPEL DE PAREDE... REPARE NAS LINHAS DO PÉ FINTADAS DE AZUL...
ATIVIDADE
Nem sempre andamos pelas ruas atentos ao que se passa ao redor. Que tal passar pela galeria percebendo detalhes das obras expostas? Formemos nos são pistas importantes. O desafio é encontrar nas fotos expostas esses pequenos fragmentos e anotar o que eles revelaram para você.

PARADA FINAL
ÁFRICA DO SUL
Mas calma: que ainda tem muito coisa para descobrir no último país de nossa viagem!
GUY TILLIM
Nosso primeiro guia é o fotógrafo sul-africano Guy Tillim.
Ele é um grande conhecedor de cidades africanas. Tillim gosta de levar sua câmera para as ruas.
OLHE AS PLACAS DAS RUAS
Guy Tillim fotografa pessoas em ruas que mudaram de nome depois da independência.
KENYATTA AVENUE
Chamada de Avenida Lord Delamere depois da morte de Lord Delamere, administrador colonial britânico, a principal avenida de Nairobi passou a se chamar Avenida Kenyatta após 1964, em homenagem ao primeiro presidente do Quênia independente, Mzee Jomo Kenyatta.
Na série "Museu da Revolução", Tillim combina imagens das cidades: Maputo (Moçambique), Luanda (Angola), Harare (Zimbábue) e Nairobi (Quênia). E por que a série tem esse nome?
O Museu da Revolução está na Avenida 24 de Julho, na capital de Moçambique.
Nessa data, no ano de 1885, Moçambique se tornou oficialmente colônia de Portugal, que venceu a disputa com a Inglaterra por seu domínio.
Quase 100 anos depois, em 1975, o país se tornava independente, e o 24 de Julho adquiria outro significado: passou a ser o dia em que Moçambique restituiu seus direitos, e a capital - antes chamada de Lourenço Marques - , ganhou o nome de Maputo.
Assim como o nome das ruas, a história da África vem sendo ressignificada nas últimas décadas.
Agora vamos às ruas de Joanesburgo! Um turista que se preze não vai perder a vista do famoso prédio Ponte City. O mais alto arranha-céu da cidade não é curioso apenas por seu formato redondo, com um gigantesco fosso no centro rodeado de inúmeras janelas superpovoadas, mas também por ser carregado de histórias: Ponte City foi construído como prédio de luxo, para abrigar a população branca em um tempo em que Joanesburgo vivia o Apartheid, movimento de segregação racial que excluía os negros.
A partir da década de 1980, o edifício começou a ser invadido por gangues locais e, por um tempo, tornou-se um lugar perigoso.
Os artistas
MIKHAEL SUBOTZKY África do Sul
E PATRICK WATERHOUSE Inglaterra
encontraram em Ponte City fonte de inspiração para seus trabalhos. As inúmeras janelas, as vistas para dentro e para fora do prédio e até os televisores dentro das casas foram exaustivamente fotografados e deram origem a seus imensos painéis iluminados.
ponte

Andrew Tshabangu nasceu em Soweto em 1966. Soweto é um complexo urbano próximo a Joanesburgo, formado a partir de favelas que cresceram com a chegada de trabalhadores negros do interior do país durante o Apartheid. Nesse tempo, o governo sul-africano designava as áreas onde os negros podiam viver. Fra a periferia, o mais longe possível dos brancos. Soweto se tornou um dos principais símbolos da luta contra o regime de segregação racial que se estendeu até 1994 na África do Sul. Seu mais famoso residente foi o líder pacifista Nelson Mandela. Lá também aconteceram as principais manifestações contra o Apartheid. Hoje, Soweto atrai turistas do mundo todo em busca de herança cultural.
ANDREW TSHABANGU
O calendário marcado com o compromisso de alguém.
POR FALAR EM JANELAS
Janelas são como muletas para o mundo interno e externo.
Andrew Tshabangu faz de suas fotos janelas para a intimidade do seu povo. Na série de fotos em preto e branco, o artista retrata interiores de casas vazias.
Apesar de não ter ninguém nas imagens, você consegue perceber a presença humana nesses ambientes?
Alguém usou esse travesseiro...
Quem são as pessoas que dormem nesses cômodos? Cada cômodo uma esta arrumada.


HORA DE REGRESSAR PARA CASA
Atravessemos o Oceano Atlântico e chegamos em casa. O Brasil é o maior país de população negra fora da África e o segundo maior país com população negra no mundo.
Aqui, o artista carioca Arjan Martins retrata os navios que cruzaram o oceano com suas cargas fatais de homens. Com esse pintor começamos esta caderna e com ele vamos nos despedindo.
Que aventura!
Já está com saudade? Chamam-se banza a melancolia da terra natal que sentiam os africanos vindos para o Brasil em navios negreiros. Alegre-se, então! A viagem pela África nunca acaba. Isso porque a cultura do continente foi difundida por todo o mundo.
Elza Soares, Bob Marley, Spike Lee, Denzel Washington, Pelé, Lewis Hamilton, Kofi Annan, Malcom X, Mandela, Muhammad Ali, Tutu, Beyoncé, Lupita Nyong'o, Machado de Assis, André Rebouças, Zumbi dos Palmares, Milton Nascimento, Lima Barreto, Josephine Baker, José da Piedade, Gisele Bündchen, Wangari Maathai, Abdias do Nascimento, Milton Santos, Miles Davis, Nina da Hora, Eustáquia, Martinho da Vila, Ray Charles, Basquiat, Lázaro Ramos, Daiane dos Santos, Conceição Evaristo, Seu Jorge, Pixinguinha...
Você terminou essa procurada. Esta pode ser a sua primeira de muitas cadernos de viagem que ainda vêm. Afinal, outras aventuras precisam ser descobertas, outras histórias contadas. Então... Até a próxima oportunidade!
Índice de obras
Contraciaque - Arjan Martins / Brasil. Sem título, acrílica sobre tela. Cortesia do artista e da galeria A Gentil Carioca.
p.2 - Caricatura Nelson Mandela, Cássio Loredano.
p.6 e 7 - Omar Victor Diop / Senegal. Projeto Diaspora (autorretrato), 2014, Impressão a jato de tinta com pigmento. ©Omar Victor Diop. Cortesia MAPHOTO/LA Gallery, Paris.
Dom Miguel de Castro, Juan de Pareja, Angelo Soleiman, Jean-Baptiste Belley, Albert Badin, Ayuba Suleiman Diallo, Omar Ibn Said, A Moroccan Man, Frederick Douglass.
p.11 - Ilustração Cintia Fama. Ibrahim Mahama / Ghana. p.11 - Ilustração Cintia Fama. Ibrahim Mahama / Ghana. "Non Orientable (Paradise Lost 1987)" (Paraíso Perdido não Orientável) Instalação, 2017. Foto: Mathieu Kanenga.
P.12 - Leonch Kagnaev Agbonjelou / Benin. Untitled Triptych - Code Noir (Tríptico Sem Título - Code Noir), 2014. o-print. Cortesia Jack Bell Gallery, Londres
Jan van Eyck. Tríptico da Virgem e a criança com Santa Catarina, São Miguel e o patrono, 1437. Óleo sobre carvalho. Acervo Pinakotheca dos Mestres Antigos, Dresden
p.14 - Karo Akpokiere / Nigéria. Heritage sans (Série Chapelana), pigmento mineral em papel matte. Cortesia Foto Ojeikere & Estate of J.D'Okhai Ojeikere.
Pineapple, Dan Dan e Sem título.
p.15 - Nadi Dias / Nigéria. Exchange For Life (Troca de vida), 2017.
Karo Akpokiere / Nigéria. Lagos drawer (Desenhos de Lagos), 2015-2017. Impressão digital com pigmento mineral em papel matte. Coleção do artista.
p.17 - Kluanji Kia Henda / Angola. Concrete Affection, 2014. Coleção do artista.
p.18 - Kudzanai Chiurai / Zimbábue. Ordnant (JE NYSE ISO VIII (Ordenes (JE NYSE ISO VIII), 2016. Tintas pigmentadas em papel fotográfico australiado. Cortesia Goodman Gallery.
p.19 - Vertelas Cintia Fama.
p.20 - Guy Tillim / Africa do Sul. Nairobi (Nairóbi), 2016. Dakar, 2017. Tinta pigmentada em papel algodão. © Guy Tillim Cortesia de Stevenson, Cidade do Cabo e Joanesburgo.
p.21 - Mikhael Subotzky and Patrick Waterhouse / Africa do Sul. 12 Projections, from Windows (Projeções das janelas), Ponte City, 2008-2011. Cortesia Goodman Gallery.
p.22 e 23 - Andrew Tshabangu / Africa do Sul. Impressão com pigmento natural em papel matte. Cortesia / Courtesy Gallery MOMO.
Bed, Hanging Ropes and Fridge (Cama, cordas pendurados e geladeira), 2008.
Neat Bed (Cama arrumada), 2011.
Candle and Bed (Vela e cama), 2011.